

A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

ANA BEATRIZ SILVA PINTO
GABRIELLE RODRIGUES CAPALDI
MARIA CRISTINA DA SILVA P. ALVES-UNISANTA

RESUMO

As escolas têm um papel fundamental na construção da sociedade. A educação brasileira, entretanto, enfrenta tabus que prejudicam a inserção desse tipo de educação. O termo é como objeto de conhecimento sobre a vida. Conhecer como é possível abordar o papel pedagógico em relação ao ensino da Educação Sexual no 5º ano do Ensino Fundamental, de forma coesa e segura é o objetivo geral desta pesquisa. A pesquisa bibliográfica é fundamentada nos pressupostos de Paulo Freire (1921-1997) com relação ao conceito de autonomia, criticidade e realidade do sujeito. Também nos documentos publicados pelo governo federal como o Parâmetro Curriculares Nacionais(1997) e Base Nacional Comum Curricular. No trabalho com as crianças, os conteúdos devem também favorecer a compreensão de que o ato sexual é manifestação pertinente à sexualidade de jovens e de adultos, não de crianças. Com relação às brincadeiras que remetem à sexualidade, é importante que o professor afirme como princípios a necessidade do consentimento e a aprovação sem constrangimento por parte dos envolvidos. Além disso, os alunos devem saber que podem procurar ajuda de um adulto de sua confiança, no caso de serem envolvidos em situações de abuso. O alto índice de gravidez indesejada na adolescência, abuso sexual e prostituição, o crescimento da epidemia da Aids, a discriminação das mulheres no mercado de trabalho, são algumas das questões sociais que demandam posicionamento em favor de transformações que garantam a todos a dignidade e a qualidade de vida, que desejamos e que estão previstas pela Constituição brasileira. As manifestações da sexualidade, diferentes em cada etapa do desenvolvimento, são uma excelente oportunidade para os professores desenvolverem um trabalho não previamente programado. A sexualidade gera nos alunos grande variedade de sentimentos, sensações e dúvidas. Suas manifestações são espontâneas, acontecem inevitavelmente e os professores precisam estar preparados para lidar com elas.

Palavras-chave: Educação Sexual; Sexualidade; Infância; Prevenção.

ABSTRACT

Schools play a key role in building society. Brazilian education, however, faces taboos that hinder the inclusion of this type of education. The term is like an object of knowledge about life. Knowing how it is possible to approach the pedagogical role in relation to the teaching of Sexual Education in the 5th year of Elementary School, in a cohesive and safe way, is the general objective of this research. The bibliographical research is based on the assumptions of Paulo Freire (1921-1997) regarding the concept of autonomy, criticality and reality of the subject. Also in the documents published by the federal government as the National Curricular

Parameter (1997) and the National Common Curricular Base. When working with children, the contents should also favor the understanding that the sexual act is a relevant manifestation of the sexuality of young people and adults, not children. With regard to games that refer to sexuality, it is important that the teacher affirms as principles the need for consent and approval without embarrassment on the part of those involved. In addition, students should know that they can seek help from an adult they trust if they become involved in abusive situations. The high rate of unwanted teenage pregnancies, sexual abuse and prostitution, the growth of the AIDS epidemic, discrimination against women in the labor market, are some of the social issues that demand a position in favor of transformations that guarantee everyone the dignity and quality of life, which we desire and which are provided for by the Brazilian Constitution. The manifestations of sexuality, different at each stage of development, are an excellent opportunity for teachers to develop work that has not been previously scheduled. Sexuality generates a wide variety of feelings, sensations and doubts in students. Its manifestations are spontaneous, they happen inevitably and teachers need to be prepared to deal with them.

Keywords: Sex Education; sexuality; infancy; prevention.

1. INTRODUÇÃO

As escolas possuem papel fundamental na construção da sociedade. Dessa forma, esta deve abordar não só assuntos instrumentais, já inseridos na grade curricular, como também aqueles que auxiliem na construção pessoal, como sexualidade, por exemplo. A educação brasileira, entretanto, enfrenta tabus que prejudicam a inserção desse tipo de educação nas escolas, o que pode provocar problemas no futuro dos adolescentes, que desconhecem o assunto.

Em primeira instância, é válido destacar que no Brasil os índices de gravidez na adolescência vêm crescendo exponencialmente. Isso porque não se tem considerado a falta de preparo, de uma educação que informe adequadamente adolescentes sobre o tema. O problema se agrava quando os familiares não cumprem o seu papel quanto a isso, o que prejudica todo o desenvolvimento pessoal e social desses adolescentes.

Assim sendo, vê-se a relevância de a escola abordar o tema, prevenindo os vários problemas que podem surgir como as relações cada vez mais

prematuras, a gravidez na adolescência e as doenças sexualmente transmissíveis.

A postura do docente na instituição de ensino em relação a essa questão é de suma importância para a qualidade do processo educativo.

Nosso objetivo é retomar o que dizem os parâmetros curriculares a respeito a fim de conhecer como é possível abordar a temática da Educação Sexual no 5º ano do Ensino Fundamental, de forma coesa e segura. A pesquisa bibliográfica é fundamentada nos pressupostos de Paulo Freire (1921-1997) com relação ao conceito de autonomia, criticidade e realidade do sujeito e também nos documentos publicados pelo governo federal como os Parâmetros Curriculares Nacionais(1997) e a Base Nacional Comum Curricular.

2. O QUE DIZEM OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR SOBRE O TEMA?

Para começarmos a discutir o tema, faz-se necessário entender que Sexualidade não é sinônimo de coito, mas uma necessidade básica do ser humano. Dessa forma, esta deve abordar não só assuntos instrumentais, já inseridos na grade curricular, como também aqueles que auxiliem na construção pessoal, como sexualidade por exemplo. Assim sendo, vê-se a relevância da escola em abordar o tema sexualidade, prevenindo as relações que estão cada vez mais prematuras e, conseqüentemente, a gravidez na adolescência, entre outras problemáticas, como doenças sexualmente transmissíveis.

Em meados dos anos 80 com o grande crescimento da gravidez indesejada entre adolescentes e o risco de contaminação pelo vírus HIV, aumentaram a demanda de trabalhos sobre sexualidade em virtude da preocupação dos educadores.

Com a dificuldade de discutir o tema em casa, os pais reivindicavam a presença do tema nas escolas. Os parâmetros curriculares nacionais elaborados em 1997 com intenção de possibilitar um currículo flexível, aberto e que estimulasse um aprendizado sobre as questões da vida real, traziam a orientação sexual como tema transversal para que houvesse a possibilidade de

promover reflexões e discussões entre pais e a equipe pedagógica sobre a ação da escola nas questões do tema.

A sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela.(BRASIL-PCN, 1996. p.292)

Foi com a publicação dos PCN que a proposta da inclusão do tema educação sexual foi retomada nas escolas, no entanto, não houve boa receptividade nas escolas, visto que há uma necessidade de adaptação às questões socioculturais e políticas, cabendo a reestruturação do PCN visto o cenário político em que o Brasil atravessava, além da presença de discursos e práticas conservadoras, e ainda a imposição da heteronormatividade.

Para a Pino Amo (2017), uma perspectiva transformadora:

[...] a educação é capaz de fornecer elementos para que possamos compreender as determinações do processo histórico da sociabilidade em que vivemos de forma a fortalecer a defesa da necessidade de superação dessa forma patriarcal-capitalista de organização da sociedade. Em outras palavras, a educação emancipatória, portanto, vinculada às lutas sociais, pode contribuir na formação de consciências críticas.(PINO AMO, 2017. p. 22)

Sabemos da curiosidade que as crianças desenvolvem na medida que se relacionam com o conhecimento das origens, seja pela inquietação despertada pela gravidez de uma professora ou a veiculação de imagens eróticas na televisão, internet ou outros meios que aumentam e estimulam fantasias. O relevante papel assumido pela mídia em suas campanhas educativas nem sempre adequadas ao público infantil, muitas vezes reforça preconceitos e produz conceitos e explicações tanto errôneos quanto fantasiosos.

Cabe à escola desenvolver a ação crítica, reflexiva e educativa para suprir as questões expressas pelos alunos na escola, muitas vezes manifestas em repetições de brincadeiras, paródias de músicas ou apelidos alusivos à sexualidade.

Em verdade, não seria possível à educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação

bancária, realizar -se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos, como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo. É através deste que se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do educando do educador, mas educando-educador. Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando, que ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os 'argumentos de autoridade' já, não valem. em que, para ser - se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão mediatizados pelo mundo. (FREIRE, 1987, p. 39)

A proposta de um espaço para o esclarecimento de dúvidas de dúvidas contribui para o alívio da inquietação e ansiedade que interferem no aprendizado dos demais conteúdos escolares.

A escola desempenha um papel importante ao conduzir essa energia na produção de conhecimento sobre “ O eu, o outro e o nós.”

Ainda falando sobre os impactos do PCN, falar sobre orientação sexual no ambiente escolar é um fator de conhecimento e valorização dos direitos sexuais e reprodutivos na expectativa de que homens e mulheres tenham acesso às informações e recursos necessários para findar suas decisões a respeito de sua fertilidade, saúde reprodutiva e criação de filhos.

O trabalho de orientação sexual também contribui para a prevenção de problemas graves, como o abuso sexual e a gravidez indesejada. Com relação à gravidez indesejada, o debate sobre a contracepção, o conhecimento sobre os métodos anticoncepcionais, sua disponibilidade e a reflexão sobre a própria sexualidade ampliam a percepção sobre os cuidados necessários quando se quer evitá-la. para a prevenção do abuso sexual com crianças e jovens, trata -se de favorecer a apropriação do corpo, promovendo a consciência de que seu corpo lhes pertence e só deve ser tocado por outro com seu consentimento ou por razões de saúde e higiene. (BRASIL-PCN, 1996. p.)

Na Base Nacional Comum Curricular, disponibilizada à consulta pública em setembro de 2015. Os temas que percorrem a sexualidade estiveram presentes em dois momentos do componente curricular de ciências. Na unidade de conhecimento Vida: constituição e Reprodução, proposto para o nono ano do ensino fundamental com os componentes e o funcionamento do aparelho genital masculino e feminino e a proposta de compreender as mudanças físicas,

fisiológicas e comportamentais ocorridas no processo de puberdade (BRASIL, 2015, p,182).

No ano seguinte, temos a segunda versão da BNCC, apresentada no ano de 2016 pelo MEC. O tema supracitado tem a seguinte proposta para a Educação Infantil:

O corpo expressa e carrega consigo não somente características e físicas e biológicas, mas também marcas de nosso pertencimento social que repercutem em quem somos e nas experiências que temos em relação ao gênero, à etnia ou raça, à classe, à religião e à sexualidade. (BRASIL,2016, p.69).

Quando analisamos os objetivos de aprendizagem para os anos iniciais do ensino fundamental, a unidade que contempla as diferentes formas de vidas uma proposta de aprendizado exclusivamente biológica, como descrita abaixo:

Perceber que diferenças anatômicas entre os animais, incluindo os seres humanos, estão relacionadas a diferentes formas de realizar funções como a respiração, a alimentação, a excreção e a reprodução (BRASIL,2016, p.292.).

Para os anos finais do ensino fundamental, o tema sexualidade havia sido inserido nos objetivos de aprendizagem na disciplina de ciência do oitavo ano com a seguinte proposta:

Relacionar as dimensões orgânica, culturais, afetiva e éticas na reprodução humana, que implicam cuidados, sensibilidade e responsabilidade no campo da sexualidade, especialmente a partir da puberdade. (BRASIL,2016, p.447)

Na versão final da BNCC, a temática sexualidade foi reduzida a disciplina de Ciências com ênfase na reprodução e doenças sexualmente transmissíveis e discutida apenas no oitavo ano. Ao abordar a orientação sexual apenas com o foco preventivo de doenças, a educação sexual não traz sucesso para o seu maior papel, promover consciência de que seu corpo só deve ser tocado com consentimento. É essencial que os documentos escolares contemplem essas questões, dada a urgência no cenário brasileiro atual. Como citado no início deste texto, a discussão em torno da inserção da educação sexual no contexto escolar, pesquisas científicas acerca da temática sexualidade nos documentos

das políticas públicas de educação ainda não é tão significativa, ficando as discussões e avanços prejudicados.

É fundamental reconhecer e fortalecer a concepção da necessidade de incluir o referido tema nos currículos das escolas. Destaca-se que no século XX, ocorreram consideráveis conquistas e notáveis recuos, preservando-se o entendimento das tensões e conflitos que marcam a tomada de posição pública frente aos desafios de se estruturar e sedimentar políticas de educação sexual neste país. Podemos observar que a sexualidade perdeu seu caráter educativo ficando restrita aos aspectos biológicos. Faz-se urgente rever os documentos descritos que apontam a exclusão das questões da sexualidade. Negar as discussões sobre sexualidade nas escolas contribuirá para o fortalecimento dos “padrões” heteronormativos, na qual hoje não corresponde mais a sociedade contemporânea.

3. A IMPORTÂNCIA DE DISCUTIR A SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

A escola tem o dever de instruir crianças, jovens e adultos dentro da sala de aula, a mesma tem o papel de fazer parte da formação ética e cidadã dos discentes. O ambiente escolar deve ser um lugar onde os alunos possam manifestar seus problemas, desmistificar certas questões, quebrar tabus e, o mais importante, serem capazes de expressar todos os seus sentimentos. O pedagogo dentro da instituição tem o papel de escutar os estudantes e compartilhar conhecimentos com os mesmos, é a partir desses momentos que a consciência dos alunos se apura, sua consciência crítica se aguça, e sua visão de vida se amplia. O professor pode influenciar na forma de agir e de pensar dos discentes.

Paulo Freire (1921-1997) acreditava na importância da troca de conhecimentos entre o aluno e o professor, que ambos aprendem um com o outro. O filósofo destaca:

O educador e a educadora e seus/suas discentes têm o papel de ensinar, aprender e reaprender simultaneamente um com o outro. Isso faz com que a visão tradicional de que o professor é o detentor do conhecimento e o aluno é o que não sabe seja rompida. Todos sempre

sabem alguma coisa e por isso a experiência de vida e o diálogo são tão importantes. (FREIRE,2015)

De acordo com as pesquisas, Freire era um grande defensor da Educação Sexual nas escolas, e na expressão de seus pensamentos e relatos de sua história de vida nos apresentou sua compreensão de Sexualidade como dimensão inseparável do ser humano. O filósofo acreditava, por um lado, na chamada educação tradicional, que visa adaptar o sujeito à sociedade tal qual ela está, por outro, na chamada educação libertadora, que visa mudar significativamente a sociedade, adaptando-a às necessidades de cada sujeito. Freire afirma (2015, p. 39): “Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática” e complementa: “A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”.

A compreensão da temática sexualidade como intervenção conta com o envolvimento de profissionais capacitados, tais como: psicólogos, professores, assistentes sociais, consultores educacionais, em um trabalho institucionalizado, sistematizado, organizado e localizado, é essencial abordar a mesma na escola não somente nas questões biológicas, mas norteando outros pontos vivenciados pelos alunos nas dimensões psicológicas e sociais.

Além de Freire, outros filósofos e autores destacam a importância de trabalhar com a temática, tanto na escola como em outros espaços, como Ribeiro (1990):

Torna-se necessário abordar a orientação sexual criticamente, de forma que ela reflita a sexualidade partindo de um enfoque sociocultural, passando pelo psicológico, até chegar aos aspectos fisiológicos, sempre levando em consideração a importância fundamental do diálogo, ampliando o senso crítico e a visão de mundo do jovem, permitindo discussões e debates.

Porém, para atingirmos este objetivo, sem cairmos no erro de reduzir a orientação sexual ao aspecto informativo, biológico e moralista, é essencial que haja uma preocupação primeira com a formação daqueles profissionais (psicólogos, professores, orientadores, educacionais etc.) que irão trabalhar na área. (RIBEIRO, 1990,p.19)

Atualmente, sabe-se que os pais reivindicam que a sexualidade seja um assunto tratado dentro das escolas, pois reconhecem não só a importância do tema para crianças e adolescentes, mas também a dificuldade de falar abertamente sobre o mesmo em casa. As manifestações sexuais ocorrem em

todas as faixas etárias. Ignorar, esconder ou reprimir são respostas comuns dadas pelos profissionais da escola, a partir da ideia de que a sexualidade é um assunto que só pode ser tratado pela família.

As instituições escolares são espaços privilegiados de promover essas orientações, já que é um lugar de intervenção pedagógica e baseado cientificamente em suas ações de ensino. Como argumenta Guimarães (1992, p.172), "[...] se é função da escola formar e informar para a vida, a orientação sexual não deve se apresentar como um apêndice". Os professores podem ser agentes de mudança em seus locais de trabalho, uma vez que possuem o poder de gerar reflexões sobre a sexualidade e suas diferentes formas de expressão e assim poder contribuir na construção do autoconhecimento do aluno. (NARDI; QUARTIERO, 2012)

4. CONSIDERAÇÕES

Revisando os documentos legais que sustentam as políticas públicas de educação, foi possível examinar que entre os últimos documentos o governo tem utilizado do mecanismo de interdição e silenciamento para monitorar e regular o que, como e quando falar sobre sexualidade nas escolas, refutando o direito à informação. Entendemos que desconstruir as práticas pedagógicas executadas há anos e inserir uma nova prática não é algo simples. Mas, precisamos buscar soluções para as demandas das questões contemporâneas e, sobretudo, do cotidiano dos estudantes. É necessário sair da zona de conforto e agir com precisão para mudança do atual cenário das propostas curriculares no Brasil. Considerando a importância do tema é relevante progredir em conflitos sobre os avanços e retrocessos que transpõem a proposta nos documentos oficiais, para caminhar rumo a uma educação que possa formar cidadãos responsáveis, livres de preconceitos e tabus e que acima de tudo, saibam respeitar.

A informação deixa evidente de que essa violência é majoritariamente intrafamiliar e ocorre dentro de casa. Sabemos que o confronto de violências não se dá apenas no âmbito da segurança pública e acreditamos que esse é um exemplo típico disso. A escola pode ajudar no processo de identificação e denúncia, como cautela para não acontecer. Muitas vezes o abusador se

aproveita da ignorância da criança e, se ela tiver consciência, dependendo da situação, é possível tentativas de abuso.

Referências

BRASIL. 2016. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Segunda versão revista. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2016. **Acesso** em: 05 de abr. de 2022

BRASIL.2001. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural: orientação sexual**. 3ª ed. Brasília: Ministério da Educação. **Acesso** em: 15 de jun. de 2022

BRASIL. 1998. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: orientação sexual. Brasília: MEC /SEF. Acesso em: 08 de ago. de 2022

DEZ ANOS DE LDB: COMO ESTÁ A FORMAÇÃO DOS ORIENTADORES SEXUAIS?. Repositório Unesp. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/139973/ISSN2175-7054-2009-6917-6922.pdf?sequence=1>. Acesso em: 02 maio 2022

DIAS, Amanda Souza. EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE NA PERSPECTIVA FREIREANA, 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20684_8287.pdf. **Acesso** em: 26 abril 2022

LOURENÇO, Tainá. Infecções sexualmente transmissíveis entre jovens preocupam especialistas. Jornal da USP, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/infeccoes-sexualmente-transmissiveis-entre-jovens-preocupam-especialista/> Acesso em: 03 de nov. de 2022

MELO, Aline. Violência sexual contra crianças e adolescentes aumenta 92% em 2022. Diário do Grande ABD, 2022. Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/3864588/violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-aumenta-92-em-2022> Acesso em: 12 de nov. de 2022.

PITOMBO, João Pedro. O que se sabe sobre o caso da menina de 11 anos grávida pela 2ª vez no Piauí. Folha de S.Paulo, 2022.

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/09/o-que-se-sabe-sobre-o-caso-da-menina-de-11-anos-gravida-pela-2a-vez-no-piaui.shtml>. Acesso em: 02 de nov. de 2022

Reflexões sobre a Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência 2021. Febrasgo, 2022. Disponível em: <https://www.febrasgo.org.br/pt/noticias/item/1210-reflexoes-sobre-a-semana-nacional-de-prevencao-da-gravidez-na-adolescencia-2021> Acesso em: 03 de nov. de 2022

VIANNA, Maria. **Educação sexual nas escolas ajuda a diminuir a incidência de doenças e gravidez precoce.** Extra, 2010. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/saude-e-ciencia/educacao-sexual-nas-escolas-ajuda-diminuir-incidencia-de-doencas-gravidez-precoce-329460.html> Acesso em: 02 de nov. de 2022

VIEIRA, Bárbara. **Denúncias de violência contra crianças e adolescentes caem 12% no Brasil durante a pandemia.** G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/09/10/denuncias-de-violencia-contras-criancas-e-adolescentes-caem-12percent-no-brasil-durante-a-pandemia.ghtml> Acesso em: 05 de nov. de 2022